

HISTÓRIA E CINEMA: RELAÇÕES ENTRE EXPECTATIVA DE FUTURO E FICÇÃO CIENTÍFICA, 1979-1987.

CRISTIANO GASTAL¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – cristianogastal@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa de mestrado em História que tem como ponto de partida o futuro. Uma análise do future representado pode parecer deslocada no “tempo”, mas quando se busca investigar a origem contextual dessas percepções sobre o porvir, apresenta-se, a partir delas, uma possibilidade de investigação profícua.

Para George Minois (2015, p. 16), “viver é antecipar incessantemente, e cada uma de nossas ações tende para um alvo situado no futuro” e, assim, predizer o que vai acontecer passa a ser uma constante entre as civilizações desde a pré-história. Se no passado as previsões se configuraram, como afirma Minois (2015), como práticas exclusivas de adivinhos e profetas, a partir do século XIX passaram a ocupar a mente de cientistas sociais, economistas e filósofos. E foi usando do conhecimento científico que a literatura passou a imaginar o futuro, inaugurando, assim, a ficção científica.

Essa categoria de obras se configura como um exercício de imaginação sobre aquilo que o futuro reserva. São manifestações de uma ou mais possibilidades de um porvir que, se por um lado, dispensa um compromisso com aspectos da física, da realidade tecnológica e das relações sociais do seu presente, por outro, para atingir uma inteligibilidade, necessita manter seu argumento de maneira a ser relacionada com sua realidade temporal. É a partir da realidade conhecida que se projeta o futuro desconhecido e, isto posto, uma análise dupla se apresenta: o que se sabe, ou se supõe saber, sobre o presente e, a partir disso, o que pode, ou não, vir a acontecer. O que é plausível, dentro de uma linha de raciocínio, num futuro próximo ou distante, sendo que, neste último caso, a distância temporal permite maiores elucubrações especulativas mais desprendidas da realidade conhecida durante a criação da história.

Assim, a ficção científica apresenta uma especificidade de reflexão, visto que para criar uma situação hipotética de futuro é preciso, antes de tudo, analisar o próprio presente em que se vive, podendo, assim, manifestar tanto as esperanças quanto as desesperanças, as expectativas e temores de uma época ou lugar. E é nesta abordagem que a análise histórica se concretiza, pois o que foi dito, escrito, feito, pensado e imaginado em uma época e lugar foi dito, escrito, feito, pensado e imaginado porque em sua época havia elementos que possibilitaram dizer, escrever, fazer, pensar e imaginar desta forma. Sem menosprezar a capacidade criativa dos indivíduos, mas, ao contrário, entendendo que toda a criação tem um ponto de partida alicerçado na realidade em que se vive. Assim, através dos diversos elementos que compõem uma história de ficção científica, pode-se perceber a realidade histórica de onde e quando parte determinada obra e que colaboram nessa construção narrativa para, então, realizar uma análise das relações entre o futuro imaginado e representado com o contexto social e histórico vivenciado no momento e local em que determinadas

obras de ficção científica foram produzidas, sobretudo no que diz respeito às formas como as pessoas, nessas narrativas de futuro, se relacionam socialmente entre si e com o Estado, as atividades/formas econômicas perceptíveis e os elementos culturais manifestos explícita ou implicitamente, buscando a compreensão das perspectivas distópicas apresentadas por essas obras.

Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada tem por proposta investigar a ficção científica no cinema a partir da análise dos seguintes filmes: *Mad Max*, de 1979, dirigido por George Miller; *Blade Runner*, de 1982, dirigido por Ridley Scott; *1984*, de 1984, dirigido por Michael Radford; *RoboCop*, de 1987, dirigido por Paul Verhoeven. Coloca-se como objetivo geral dessa pesquisa identificar e analisar em cada filme selecionado aquilo que foi projetado a partir do contexto histórico em que foi produzido e que surge como representação. Para isso, se faz necessário uma abordagem mais pormenorizada que constitui os objetivos específicos e que vai desde o argumento que justifica, não só o enredo, mas, principalmente, o futuro concebido, os personagens que dela participam, suas características físicas e psicológicas, até os objetos e cenário que constrói o espaço físico onde a trama se desenrola, considerando que tudo que é apreendido emerge como informação passível de análise. Assim, ao manusear cada um dos filmes, manter-se-á a observância ao que Napolitano (2011, p. 267) chama de “tripé” de interferência no “potencial informativo do documento” que é o conteúdo, a linguagem e a tecnologia utilizada pelo filme.

2. METODOLOGIA

A escolha das obras acima apresentadas se deu por se tratarem de produções que se tornaram amplamente conhecidas pelo público e os temas abordados se apresentarem ainda atuais. Estes longas-metragens ambientam seus espectadores em diferentes cenários de um futuro hipotético tendo como ponto de partida argumentar algum aspecto da realidade presente na época de sua produção e no lugar em que foram produzidos. Neles, estão contidas, para além das cenas de ação – ingrediente também recorrente em filmes de ficção científica – uma realidade social que serve como contexto para o desenrolar da história e que nos oferece possibilidades de discussões e análises. A descrição do futuro e da sociedade nele representada, parte da realidade do momento em que a obra está sendo produzida, o que nos leva, assim, a assistir uma projeção do presente, porém, sem a pretensão de ser uma previsão do que, de fato, irá acontecer.

A visualização se configura, então, singular aqui, como representações projetadas num espaço-tempo desprendido daquele compartilhado pelas sociedades, comumente chamado de “realidade” conhecida. Ao receber tal projeção, o filme passa a abarcar referências selecionadas daquela “realidade” que passam a compor a narrativa fictícia e são essas informações que permitem a análise social histórica que aborda significados possíveis para essas representações.

Metodologicamente, o uso de fontes audiovisuais pelo historiador exige uma série de cuidados e reflexos específicas que se somam a outras medidas já aplicadas às fontes mais tradicionais. A percepção de que um discurso não possui natureza “pura”, mas está carregado de uma intencionalidade, se aplica a um filme tanto quanto a um documento escrito. Porém, seu maior poder de convencimento exige que, para a análise de uma obra filmica, se vá além e se reforce os

cuidados, percebendo que dentro do conjunto de fonts audiovisuais existe diferença entre gêneros, o que demanda atenção para suas peculiaridades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto histórico, as práticas políticas e econômicas, as formas de organização e relações sociais e com o meio ambiente, as influências e as confluências culturais, os preconceitos e as esperanças percebidas em *Mad Max*, *Blade Runner*, 1984 e *RoboCop* contribuem para a compreensão a respeito dos embates vivenciados na época de suas produções, como a forma que esses temas estão manifestos denotam críticas e perspectivas ao próprio modo de vida. Nesse sentido, as análises de François Hartog e Reinhart Koselleck sobre a sociedade auxiliam o entendimento da construção dessas narrativas.

Ao desenvolver sua teoria sobre espaço de experiência e horizonte de expectativas, Koselleck oferece a possibilidade de entendimento acerca das escolhas dos indivíduos, e da sociedade como um todo, propondo que se atente para a projeção de um futuro a partir do acúmulo das experiências vivenciadas e apreendidas pelos indivíduos em determinada época e lugar. Para esse autor, “a verossimilhança de um futuro previsto decorre, em primeiro lugar, dos dados anteriores do passado, cientificamente organizados ou não. O que antecede é o diagnóstico, no qual estão contidos os dados da experiência” (KOSELLECK, 2006, p. 313). Nas expectativas podem estar contidas esperanças e medos e, por isso, também o inverossímil. Para este autor, não é possível deduzir as expectativas baseado apenas nas experiências, mas, da mesma forma, não é possível considerar as expectativas sem levar em conta as experiências (KOSELLECK, 2006, p. 312). Assim sendo, um prognóstico do futuro inclui o que se sabe, o que se viveu, mas também outros elementos intangíveis que podem ser de extrema particularidade e individualidade e, por isso, de difícil percepção. Dessa forma ao buscar compreender as visões de futuro expressas em determinada época ou lugar, faz-se necessário perceber e analisar os espaços de experiência que construíram esse horizonte de expectativas.

As ideias de Hartog podem ser somadas com as de Koselleck – para atender os objetivos propostos neste trabalho – no que se refere às formas de pensar, agir e se relacionar da sociedade. Para ele, não só o conjunto de experiências ajuda a entender o comportamento da sociedade, e vice-versa, como, também, é possível caracterizar uma época a partir desta forma de agir, pensar e se relacionar. Para Hartog, existe uma espécie de “ordem”, ou “ordens”, que atua em determinada época e lugar e, a essas “ordens”, Hartog dá o nome de “Regimes de Historicidade” sendo o do tempo atual, que teria início durante a Guerra Fria, nomeado de “presentismo”. De acordo com o autor, o tempo do “presentismo” é marcado pela desconexão entre passado, presente e futuro, levando a uma ênfase ao presente em detrimento do passado e do futuro que passam a ter menos importância na vida das pessoas. Ainda segundo Hartog, “a isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido, não mais como promessa, mas como ameaça; sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos” (HARTOG, 2013, p.15). A reincidência de previsões pessimistas em obras de ficção científica dos anos 1980 sugere a ratificação do caráter presentista do qual aquela década faz parte e, através da análise dos contextos e dos futuros imaginados nesses filmes, contribui para uma maior compreensão das características que compõem esse “Regime de Historicidade”.

A verossimilhança do futuro apresentado por uma obra parte da capacidade de seu autor lidar com as informações que dispõe, ou, como diria Koselleck, com suas experiências. Ao mesmo tempo, enquanto forma de arte, uma história de ficção científica não tem obrigação com a ciência, ou seja, possui a liberdade de criação a partir do que satisfaz seu mentor ou mentores. Porém, a criação de sequências para as obras aqui abordadas, indica que as questões levantadas pelas produções encontraram reconhecimento e identificação na sociedade do seu tempo, bem como, possivelmente ainda hoje, por partir de experiências compartilhadas entre uma quantidade considerável de indivíduos, assim formando um horizonte de perspectiva plausível.

4. CONCLUSÕES

Se a ferramenta fílmica já se provou como um importante instrumento para a crítica social, os filmes de ficção científica, enquanto gênero que vislumbra o futuro, se apresentam como fontes profícuas sobre o momento e local de sua produção. Assim, *Mad Max*, *Blade Runner*, 1984 e *RoboCop* revelam desejos e anseios da sociedade de seu tempo, tornando visíveis as expectativas dos indivíduos de tempos passados e instigando a investigação dos espaços de experiências que as constituem. Sem a pretensão de encontrar respostas definitivas, as análises aqui realizadas configuram um exercício de reflexão e estão longe de esgotar os debates.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RJ, 2006.

MINOIS, George. **História do futuro:** dos profetas à prospectiva. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. PINSKY, Carla Bassanezi (ORG.). **Fontes Históricas.** 3^a ed. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 235-289.

6. REFERÊNCIAS FÍLMICAS

1984. Direção de Michael Radford. Reino Unido: Umbrella - Rosenblum, 1984. 1 DVD (113 min.).

Blade Runner. Direção de Ridley Scott. Hong Kong/Estados Unidos: The Ladd Company, Shaw Brothers, Blade Runner Partnership, 1982. 1 DVD (117 min.).

Mad Max. Direção de George Miller. Austrália: Kennedy Miller Productions, 1979. 1 DVD (88 min.).

RoboCop. Direção de Paul Verhoeven. Estados Unidos: Orion Pictures, 1987. 1 DVD (102 min.).